

## NOTIZIE BIBLIOGRAFICHE

PAIVA Gilberto, C.SS.R., *A Vice-Província Redentorista de Fortaleza – Jubileu Áureo 1960-2010*, Editora Santuário, Aparecida – SP 2011, 736 pp.

Nossos confrades da Vice-Província de Fortaleza (Nordeste do Brasil) estão celebrando o Cinquentenário da chegada dos primeiros Redentoristas à região. Pois foi no dia 7 de maio de 1960 que o navio *S.S. Uruguay Star* atracou no porto do Rio de Janeiro trazendo os pioneiros irlandeses Padres João Myers, Tiago McGrath, Jaime Collins e Miguel Kirwan. Dois anos depois, em 2 de fevereiro de 1962, era fundada a Vice-Província. Para comemorar essas datas jubilares, em junho de 2009 o Superior vice-provincial da época, Pe. Bernardo Holmes, convidou o Pe. Gilberto Paiva, historiador redentorista da Província de São Paulo, para encaminhar com os confrades do Nordeste e resgatar essa história para eles e para os que viriam depois. Pe. Paiva já havia escrito em 2007 a história da sua própria Província (*A Província Redentorista de São Paulo [1894-1955]. Fundação, consolidação, ereção canônica e desenvolvimento. Um estudo histórico-pastoral*, Editora Santuário, Aparecida – SP 2007, 568 pp. Cfr. *SHCSR* 56 [2008] 539-543).

Aceito o convite, Pe. Paiva começou por consultar os arquivos da Vice-Província. Depois foi conhecer os locais onde tudo aconteceu: Pedro Afonso, Paraíso, Guaraí, Miracema, Porto Nacional... Na Europa, pesquisou os arquivos de Dublin e Roma e, de volta ao Brasil, passou todo o ano de 2010 em Fortaleza folheando livros de crônicas, livros do tombo, boletins vice-provinciais, cartas circulares, relatórios das visitas canônicas e atas de Capítulos. Além de ouvir numerosos leigos colaboradores no apostolado, enviou uma carta a cada confrade ou ex-confrade, pedindo que relatasse suas experiências e lembranças. Sobre isso escreveu o Pe. Antônio Júlio, o autor da carta: “Nossa história será reconstruída em mutirão, onde cada um vai costurar a grande colcha de retalhos, partilhando o pedaço que traz consigo”.

Resultou uma grande obra de nada menos que 736 pp., quando a intenção do Pe. Bernardo era “um volume de razoável tamanho, de mais ou menos 400 páginas”. O livro contém 5 capítulos:

No primeiro, é apresentada em síntese a trajetória do Brasil e do mundo em geral nos anos 1950-1970. Entre nós, foi a época da fundação de Brasília e do começo da ditadura militar; “um período áureo para a Igreja no Brasil”, segundo a avaliação do Autor. A introdução do regime comunista em Cuba fazia prever uma “cubanização” de toda a América Latina. Enquanto a meta do Presidente Juscelino Kubitschek era fazer o País crescer 50 anos em 5, o Papa João XXIII fazia a Igreja avançar 500 anos em 5, com a convocação e celebração do Concílio Ecumênico Vaticano II. A 25 de março de 1959, o mesmo Papa pedia aos Superiores Religiosos, numa audiência especial, que socorressem a América Latina, enviando sacerdotes e religiosos para difundir o Evangelho e dar testemunho dele.

Em resposta a um pedido do bispo francês Dom Alano Du Noday, bispo de Porto Nacional, no estado de Goiás, solicitando uma fundação redentorista em sua diocese, o Superior Geral Pe. Guilherme Gaudreau escreveu em 17 de setembro de 1959, que “é nossa intenção ir ao encontro das necessidades de sua diocese e aceitar sua oferta confiando a missão aos Redentoristas da Província da Irlanda”. Assim, essa heróica Província, rica em vocações, que já tinha levado a Congregação para a Austrália, a Índia e as Filipinas, começava um novo desafio no Brasil.

Este trecho de uma carta de 18.11.1961 escrita por Dom Alano Du Noday ao então Superior da Missão, Pe. Jaime Collins, resume bem os primeiros frutos do esforço pastoral dos Redentoristas irlandeses:

“Não imaginais o bem espiritual, a edificação, a impressão profunda que opera no povo o exemplo de vossa actividade apostólica em todos os sectores, vossa dedicação aos interesses do povo, espírito de sacrifício. Vossa vida é para todos – a começar por mim e nossos padres – uma pregação vivida e contínua que nos conforta, nos anima, nos ampara. Deus vos retribua ao cêntuplo o bem imenso que operastes em nosso meio...”

O segundo capítulo, intitulado “Do sertão de Goiás às praias dos verdes mares”, mostra como os primeiros irlandeses perceberam que a escolha da cidade de Pedro Afonso como ponto de partida para a missão não fora das melhores: “precisavam de uma saída para o mar”. E foi assim que nasceu a ideia de uma fundação em Fortaleza-CE, seguida de uma outra em Teresina, capital do Estado do Piauí. Esses Redentoristas foram formados na Irlanda para a pregação de Missões e retiros, mas no Brasil foram assumindo paróquias. Nestas, o marcante foi a pastoral das “desobrigas”, que são longas viagens em visita às comunidades esparsas pelo amplo território, evangelizando e administrando os sacramentos. Nos primeiros seis anos, com a presença de 27 Redentoristas irlandeses vindos para o Brasil, já haviam sido fundadas 6 casas! Infelizmente, abateu-se sobre a Vice-Província uma crise, quando alguns confrades abandonaram o ministério e fechou-se o seminário.

No terceiro capítulo o Autor começa propondo mais uma contextualização histórica, agora abordando o período de 1973 a 1991, sob o título “Da crise do petróleo à dissolução da URSS”. São os tempos das Conferências Episcopais de Medellín e Puebla, quando “Deus passou pela América Latina”, conforme a feliz expressão do jesuíta Jon Sobrino. Época do auge da Teologia da Libertação e das grandes figuras proféticas do Episcopado Brasileiro como Dom Hélder Câmara e Dom Paulo Evaristo Arns, que enfrentavam os expoentes do regime militar. Na Vice-Província, o capítulo de 1975 foi um dos mais marcantes. Foi quando, para caminhar com a Igreja no Brasil, a Vice-Província decidiu assumir para valer a causa dos empobrecidos. Isso não aconteceu sem grandes sofrimentos. O bispo redentorista Dom José Hanrahan viu dois de seus padres serem presos e um terceiro espancado na casa paroquial por defenderem os pobres nos conflitos agrários.

O quarto capítulo, “Reverendo e inovando prioridades”, conta como a Vice-Província procurou cumprir a orientação do Governo Geral de estabelecer prioridades para a sua vida e seu trabalho pastoral. Foram escolhidas quatro: pastoral vocacional e formação, comunidade, acção missionária e empobrecidos. Retoma-se a caminhada para o cultivo de vocações brasileiras. No Capítulo Geral de 1985, a orientação da Vice-Província é con-

firmada pelo tema escolhido para o sexênio: “Evangélizar os pobres e deixar-se evangelizar por eles”. Prossegue a pastoral de fronteiras, com a participação dos padres nos conflitos de terra, e sofrendo ameaças de morte e processos judiciais. Renasce a experiência da pregação de missões populares. Para isso, discute-se nos Capítulos a desinstalação e o abandono de estruturas paroquiais. Uma visita do Governo Geral em 1990 chama a atenção para a dispersão de actividades como um possível dano para a vida comunitária, enquanto reafirma que a inserção no meio dos pobres é um meio excelente para evangelizá-los.

Finalmente, o quinto capítulo é dedicado a lembrar os fatos do período 1993-2000, influenciado pelo Capítulo Geral de Itaiçi-SP (Brasil), que enfatizou a evangelização inculturada, a vida comunitária e a espiritualidade redentorista. O ano de 1993-1994 foi marcado pelas celebrações do Centenário da chegada dos Redentoristas ao Brasil. A partir de então, nota-se uma aproximação maior entre as (V)Províncias do País: “Precisamos sonhar com uma maior colaboração com as outras Unidades” afirmou o Capítulo vice-provincial de 1995.

A Vice-Província sentiu a necessidade de revisar seus compromissos pastorais levando em conta os recursos humanos. Para isso foi pensado o reagrupamento, reduzindo-se a presença em áreas pastorais consideradas menos urgentes. Paróquias foram devolvidas às suas respectivas dioceses, para reforçar o trabalho em áreas mais abandonadas. Foi assim que aceitou-se, sem compromissos paroquiais, uma área denominada Taquaralto na periferia de Palmas, a capital do novo Estado do Tocantins, e no ano seguinte se inicia a comunidade missionária de Guaraí, no mesmo Estado. A visita oficial de Conselheiros gerais em 1999 apoiou a idéia do reagrupamento e também propôs uma colaboração maior entre as Unidades Redentoristas do Nordeste do Brasil.

Nos dias de hoje, há esperança e confrades novos chegando, mas há envelhecimento e baixas devido a idade e mortes. Porém é certo que permanece vivo aquele espírito missionário dos pioneiros que “vieram com muita coragem, criatividade, energia e esperança”. A Vice-Província não pode (ainda) enviar reforços para a Irlanda, mas é generosa em colaborar na missão *ad gentes* (Moçambique, Suriname e Sibéria).

Pe. Paiva teve a excelente ideia de incluir em sua obra fotos sugestivas de confrades e locais, e também de mostrar várias vezes como ficou a composição das comunidades, após as deliberações dos Capítulos. Em apêndice constam mapas, quadros estatísticos do pessoal, reproduções das principais cartas e um precioso índice remissivo. Fica a pergunta: Por que não nos oferece a sua bibliografia? Com certeza, achou que poderiam bastar as 939 notas de rodapé ou não quis tornar ainda mais volumoso um livro de 736 páginas... O importante é que enriqueceu a história da Congregação no Brasil com um estudo sério e bem documentado, que mostra os fatos com suas motivações e consequências, traçando a caminhada de um grupo religioso que tem procurado, através das mudanças de época, sentir com a Igreja e ser fiel ao carisma afonsiano de evangelizar os pobres.

*José Raimundo Vidigal, C.SS.R.*

*Life with a Mission. Cardinal Willem Marinus van Rossum C.Ss.R (1854-1932). Éditeurs: Vefie Poels, Theo Salemink & Hans de Valk, in: TRAJECTA, Religie, cultuur en samenleving in de Nederlanden (20-21 jaargang, 2010-2011, aflevering 1-2). 240 pp.*

Les 11 et 12 juin 2009, eut lieu à Rome à l'*Institut Royal des Pays-Bas Via Omero* une réunion d'experts, historiens, archivistes, chercheurs autour de la personne du Cardinal hollandais Willem van Rossum. Le volume décrit ici est une sorte d'exploration préliminaire, un *status questionis* destiné à préparer une véritable monographie sur cette importante figure de l'Église catholique, biographie qui paraîtra en anglais sous la plume de Mme V. Poels de l'École de Théologie de Tilburg. Ce numéro de TRAJECTA contient quatorze articles, autant de contributions qui furent données lors de cette rencontre à Rome. Sauf trois articles rédigés en français et un en allemand, le reste paraît en anglais. Une cinquantaine de photos viennent enrichir l'ensemble.

1. – *Introduction* par les éditeurs Poels, Salemink et de Valk

Présentation rapide du projet et de la rencontre des 11-12 juin 2009. Ils soulignent la part prise par le NIM (Institut de Nimègue pour l'étude des Missions), *Missio Nederland*, le KDC (Centre de documentation catholique hollandais), l'École de Théologie de Tilburg, l'Institut Royal des Pays-Bas à Rome, la Congrégation des Rédemptoristes (plus précisément la St Clemens Provinz).

2. – *Cardinal Willem Marinus van Rossum C.Ss.R. (1854-1932) A Dutch Son of Alphonsus at the Roman Curia* par Joop Vernooij CSsR.

En seize pages, l'Auteur retrace la vie et la carrière de van Rossum. Son enfance à Zwolle (Overijssel), le petit séminaire de Culemborg, l'entrée chez les Rédemptoristes en 1873, son professorat au studendat rédemptoriste de Wittem de 1883 à 1895. À partir de cette date, sa vie changea complètement. Appelé à Rome, il entre au Saint Office comme consultant. Il remplit si bien sa tâche qu'en 1911, il fut créé Cardinal sans être évêque, fait assez rare pour être noté. Van Rossum remplit diverses fonctions, entre autres membres du Saint Office, membre de la Commission chargée de refondre le Droit Canon, membre de la Commission biblique, Grand Pénitencier, enfin de 1918 à 1932 Préfet de la *Propaganda Fide* (appelée maintenant Congrégation pour la Propagation de la Foi). Pour cela il devait être ordonné évêque, ce qui fut fait le 19 mai 1918 en la Chapelle Sixtine. Le 28 août 1932 il ordonnait encore un Père scheutiste, nommé Vicaire Apostolique en Chine. Deux jours plus tard, il mourait à l'hôpital du Calvaire à Maastricht, à la veille de ses 78 ans.

3. – *La jeunesse du cardinal van Rossum et son lien avec le Salland, sa région d'origine* par Otto S. Lankhorst.

L'Auteur, issu de la même région que van Rossum, raconte un peu les mêmes faits que J. Vernooij, mais en se concentrant davantage sur la prime enfance du cardinal, sur sa famille, sur sa vocation sacerdotale. Une fine analyse des habitants de ce pays pourrait éclairer quelque peu le caractère de van Rossum. Suivant l'A., ils sont par nature plus émotionnels que rationnels, n'exprimant pas très vite leurs sentiments. En outre le Saxon est

attaché à son pays, à l'histoire de sa région et de ses coutumes. S'il accepte la nouveauté, c'est parce que les circonstances l'y obligent ou qu'il en tire avantage. L'Auteur conclut sagement: «nous touchons ici aux limites du métier d'historien». Quoi qu'il en soit, van Rossum est toujours resté attaché à sa région et sa famille. Et Zwolle ne l'a pas oublié.

4. – *Willem van Rossum and the Theological Tradition of the Redemptorists* par Eric Corsius.

D'entrée de jeu, Corsius donne les axes de réflexions à propos du Cardinal van Rossum. Tout d'abord montrer que ce dernier a suivi la tradition missiologique implicite reçue de St Alphonse de Liguori fondateur des Rédemptoristes. Puis souligner comment il a repris à son compte le système apologétique d'un autre cardinal rédemptoriste, Victor Dechamps, archevêque de Malines. Ensuite souligner sa ligne morale qui est celle du studentat de Wittem, c'est-à-dire une ligne plutôt sévère et conservatrice. Enfin, montrer comment van Rossum appréciait la figure de St Alphonse, sa manière de penser, ses dévotions.

5. – *Regards sur la Curie romaine de 1895 à 1932* par Mgr Giuseppe Maria Croce, conservateur aux Archives Vaticanes.

Cet essai ne concerne pas directement la personne de van Rossum, mais nous dépeint le monde dans lequel celui-ci a vécu depuis son arrivée à Rome. L'Auteur décrit l'atmosphère qui régnait au Vatican sous Léon XIII, Pie X, Benoît XV et Pie XI, avec ses bons et moins bons côtés. Nous voyons également comment les Papes successifs ont heureusement simplifié et allégé la lourde machine administrative du Vatican. Occasion de rappeler le mot du Bienheureux John Newmann Cardinal lui aussi: «j'aime me tenir dans la barque de Pierre, mais loin des moteurs!».

6. – *Glaubenswächter van Rossum* par Otto Weiß.

Cette contribution est une forme abrégée de l'article paru dans SHCSR 58 (2010) 85-138.

Weiß se concentre sur certaines charges remplies par Van Rossum, à savoir celles de Consultant du St Office, appelée maintenant Congrégation pour la doctrine de la Foi, pour passer

ensuite à l'Index, sans oublier sa présidence à la Commission biblique. Il se fait que notre Cardinal est tombé au beau milieu de la crise moderniste. Il dut s'occuper des cas de Mausbach, Wacker, Buonaiuti, Funk, Semeria, et du plus connu de tous: Alfred Loisy. Sans oublier Touzard, de Dorlodot, même Benedetto Croce. L'Auteur conclut que, malgré son intransigeance, van Rossum a décidé au mieux de sa science et de sa conscience.

7. – *The Proceedings of the Codification of Canon Law and the Contribution of Willem van Rossum* par Anna Luisa Casiraghi.

Avec Casighari, nous abordons une autre facette des activités de van Rossum. En 1904, il fut appelé à faire partie de la Commission pontificale chargée de la codification du Droit Canon qui paraîtra en 1917. Il y représentait l'épiscopat hollandais dans son ensemble. Van Rossum s'occupa surtout de quatre sujets: la confirmation, l'onction, le mariage et ses empêchements. En ces matières il se montra un défenseur de la doctrine traditionnelle de l'Église et on reconnaît dans ce travail sa connaissance de la pensée alphonssienne.

8. – *Cardinal van Rossum and the international Eucharistic Congresses* par Marcel Chappin sj., vice-Préfet des Archives vaticanes.

Par deux fois le Cardinal représenta le pape au Congrès Eucharistique International: en 1912 à Vienne et en 1924 à Amsterdam. Présence assez symbolique, quoique ces Congrès visaient à mettre l'accent sur la «royauté» sociale du Christ. Rappelons que cette fête fut instituée en 1925. Chappin souligne aussi que van Rossum fut moins bien reçu dans sa patrie qu'à Vienne en 1912. Ce qui l'irrita le plus fut le fait que la reine des Pays-Bas Wilhelmine n'était pas représentée au Congrès.

9. – *Cardinal Willem van Rossum as «Penitenziere Maggiore» (1915-1918)* par Johan Ickx.

Cet article détaille une courte période (trois ans) dans la vie de van Rossum. Il décrit surtout les vicissitudes de la «Pénitencerie Apostolique» depuis le XIII<sup>e</sup> siècle jusqu'à nos jours. Elle s'occupait d'absolutions réservées au Saint Siège, de censures



canoniques, de dispenses, de revalidations, etc , toutes choses fort mêlées avec le Droit Canon. Or nous savons que c'est à cette époque qu'un profond remaniement du D. C. eut lieu dans lequel van Rossum a joué un grand rôle.

10. – *Le cardinal van Rossum et la politique missionnaire du Saint-Siège sous Benoît XV et Pie XI (1918-1932)* par Claude Prudhomme professeur d'Histoire contemporaine à l'Université de Lumière-Lyon II.

Après avoir rappelé à grands traits l'histoire de la *Propaganda Fide* et ses grands principes, Prudhomme parle plus précisément du Préfet van Rossum. Ce choix aurait été dicté par le souci de Benoît XV de prendre quelqu'un d'un petit pays neutre, la Hollande, voulant ainsi briser le lien entre Missions étrangères et Puissances coloniales. Van Rossum fut l'âme de cette politique dans la décennie 1922-1932, insistant sur un épiscopat indigène, sur le rôle des laïcs et sur une science «missiologique».

11. – *Hollandia docet? Cardinal van Rossum and the Catholic Missions in the Dutch East Indies (1918-1932)* par Hans de Valk, chercheur à l'Institut pour l'Histoire Néerlandaise à La Haye.

*Hollandia Docet?* expression due à Pie IX prononcée en 1925. Dans cet essai, de Valk décrit tout le processus d'évangélisation des possessions hollandaises en Indonésie. Malgré la générosité des missionnaires, on ne pouvait ignorer leurs divergences de vue concernant l'évangélisation et l'attitude à prendre face à la colonisation. C'est ce problème que van Rossum tentera de résoudre, sans grand succès. D'après l'auteur, les résultats furent ceux d'une église coloniale et non locale.

12. – *Cardinal van Rossum and northern Europe (1919-1932)* par Vefie Poels

L'auteur aborde ici encore un autre aspect de la personnalité de van Rossum: son intérêt pour les pays scandinaves, avec le désir d'intensifier la présence catholique dans ces régions quasi exclusivement protestantes. Nous savons qu'il entreprit un long périple apostolique dans ces contrées en 1923. Mais, malgré ses

efforts, force nous est de constater que ce ne fut pas une réussite. Les préjugés étaient trop enracinés pour être surmontés aussi facilement.

13. – *Cardinal van Rossum and Amici Israel (1926-1928). The Conversion of Jews and the Debate on Zionism* par Theo Saleminck.

Ces quelques pages évoquent un épisode peu connu dans la vie du Cardinal van Rossum. Une juive convertie au Catholicisme, Sophie van Leer, désirait créer un mouvement *Amici Israel* visant à la conversion des Juifs. Un Franciscain Lætus Himmereich et un Père Croisier Anton van Asseldonck étaient également impliqués dans ce projet, de même que van Rossum, Cardinal-protecteur des Croisiers. Ce qui lui valut quelques déboires lorsque Pie XI supprima ce mouvement. Saleminck conclut que van Rossum semble avoir été une marionnette dans toute cette affaire.

14. – *Embodied Interface. The Importance of the Biography of Willem van Rossum* par Vefie Poels.

Ce dernier chapitre sera un peu la conclusion du recueil. L'Auteur montre que nous avons besoin d'une biographie moderne et critique du Cardinal van Rossum. Ce dernier s'est trouvé au carrefour de trois instances: le Catholicisme hollandais, la Congrégation missionnaire des Rédemptoristes et les arcanes de la Curie romaine où il a occupé plusieurs postes-clés. Il serait nécessaire à présent d'articuler ces trois composantes pour en faire un tout cohérent et éclairant.

Il ne reste plus qu'à souhaiter la parution rapide de cette importante biographie.

*Jean Beco, C.S.S.R.*

DE SPIRITO Angelomichele, *Le api e la penna. Antonio Maria Tannoja entomologo e agiografo del Settecento*, Edizioni Studium, Roma 2012, 150 pp.\*

«Siamo come nani sulle spalle di giganti, così che possiamo vedere più cose di loro e più lontane, non certo per l'altezza del nostro corpo, ma perché siamo sollevati e portati in alto dalla statura dei giganti». Questo aforisma di Bernardo di Chartres, filosofo francese del XII secolo, divenne famoso perché adottato da Isaac Newton (1643-1727), alchimista, matematico, scienziato e filosofo britannico, che proprio con questa "adozione" conferma quanto l'assioma di Bernardo corrisponda a verità.

Ma oltre che di nani sulle spalle di giganti, la storia è fatta di uomini semplici, che alle spalle di giganti vivono, si muovono, infine rimangono nella memoria collettiva, come in un cono d'ombra creata dai giganti stessi. Antonio Maria Tannoja, nato a Corato nel 1727 e morto a Deliceto nel 1808, è uno di questi.

Per la maggior parte di noi, potremmo dire *tout court* per la storia e per le enciclopedie, Tannoja è semplicemente il biografo di sant'Alfonso, l'uomo della Provvidenza grazie al quale abbiamo accesso alle prime fonti della Congregazione da lui fondata, e al cui lavoro si sono ispirate le successive biografie di uno dei più grandi santi della storia della Chiesa.

Questa definizione, come tante altre che costellano il nostro vivere quotidiano, è decisamente riduttiva se non fuorviante. L'etichetta di biografo di sant'Alfonso va molto stretta al padre Tannoja, uno tra i primi suoi seguaci; e questo libro è antidoto potente contro ogni rischio di pressapochismo al riguardo. La sua è una personalità variegata, dai molteplici aspetti, che vale la pena scandagliare: in questo senso l'antropologo e storico Angelomichele De Spirito, dell'Università di Salerno, ci conduce per mano alla scoperta dei principali tra questi aspetti. Cercherò di rievocarne alcuni. Ma, prima, mi permetta il lettore di sottolineare alcuni pregi che "raccomandano" il generoso lavoro svolto dall'Autore.

---

\* Pubblichiamo in anteprima l'introduzione di S. Fiore al suddetto volume di A. De Spirito.

In primo luogo, va detto che questo testo viene a colmare una evidente lacuna. Finora su Tannoja e le sue opere non era stato prodotto uno studio di così ampio respiro come questo, se si esclude una biografia curata da François Dumortier nel 1902. Dal canto suo, il lavoro di De Spirito non pretende di essere l'ultima parola al riguardo: ma non ci sono dubbi che d'ora in poi esso si impone come imprescindibile punto di riferimento per ulteriori approfondimenti.

In secondo luogo, se è vero – come è vero – che leggere «è dialogare con gli assenti» (citazione di sant'Agostino ripresa dall'Autore), la lettura di questo testo procurerà una piacevole sensazione: il lettore si ritroverà, magari senza accorgersene, calato in un mondo, quello del Settecento, a chiacchierare col buon Tannoja, a scoprire molto di lui, ma anche del contesto in cui visse. In specie, quello della vita religiosa nel suo svolgersi quotidiano, fatto di eroismi ma anche di banalità, di alta spiritualità come di feriale lotta per sopravvivere.

Un terzo merito, strettamente connesso al precedente, sta in quella selva di notizie che lo studio di De Spirito ci procura: il lavoro svolto dalle api, il loro mondo unico e affascinante, nonché cenni di farmacopea, di pasticceria e cucina, per non parlare di quella autentica panacea che per il Tannoja – e non solo – è il miele. Se poi teniamo presente che De Spirito si è sottoposto alla non lieve fatica di leggersi le oltre 700 pagine del tannojano trattato *Delle api e loro utile*, che è forse l'opera più completa del XVIII secolo in materia, il risultato che ne deriva può essere accostato ad un favo stillante, dove si è condensato il meglio della ricerca fatta da Tannoja. Il quale meritò di essere ascritto tra i soci dell'Accademia dei Georgofili di Firenze.

Da parte mia, sempre per rimanere nel mondo delle api, a volte ho avuto l'impressione di trovarmi come di fronte ad un'arnia, dove lo spirito d'osservazione del Tannoja si incrociava con la pazienza certosina di De Spirito, nel cogliere i mille risvolti e incalcolabili elementi che rendono affascinante l'apicoltura. Auguro al lettore di vivere analoga sensazione. In questo nostro tempo dove c'è spazio solo per i divi, i belli, i grandi, e più in generale per ciò che appare e si impone per i suoi effetti speciali, il laborioso e nascosto mondo delle api ricorderà un'altra dimen-

sione del vivere, che l'Autore riassume felicemente nella formula: «Il minimo delle api e il massimo della fantasia di Dio». Cioè l'incarnazione del Verbo, che fu la principale devozione del padre Tannoja.

Detto qualcosa del libro, vale la pena – come sopra promesso – dire qualcosa sul suo protagonista. Lo faccio *per summa capita*, rimandando il lettore all'approccio diretto. Tra i molteplici aspetti di questa figura, viene fuori prepotente – *ça va sans dire* – quello dello storico. In effetti, Tannoja si cimentò con alterne fortune in varie memorie storiche e biografie, alcune scritte su commissione, altre per... grazia ricevuta (ad es. Gerardo Maiella), o per obbligo filiale ed esecuzione di un voto (Alfonso de Liguori). Questo saggio del De Spirito aiuta a scoprire anche il metodo di lavoro del Tannoja, i grandi pregi e gli inevitabili limiti: nel caso della biografia alfonsiana, dovuti a “molta venerazione” nei confronti del de Liguori. Il che non significa che i rapporti fossero sempre idilliaci! Anzi...

Altro elemento che rende simpatico se non “moderno” il Tannoja è il suo interessarsi di tutto: oltre che della citata storia, di letteratura, di arte, di architettura, di api, di poesia e canti spirituali. Quella sulle api è l'opera di un intellettuale e di un cristiano del secolo dei Lumi. Ma, come ampiamente dimostra De Spirito, possiamo dire che l'attitudine basica di Tannoja nei confronti della vita e del sapere è fortemente positiva, è “scientifica”. Vale a dire che, prima di scrivere, egli ricerca, osserva e si documenta, arrivando, quando occorre, a criticare e confutare anche alcuni «luminari maggiori».

Ancora: la lettura di questo testo indurrà a scoprire quanto Tannoja si sia lasciato guidare da uno spirito di servizio e dalla relativa flessibilità di fronte alle evenienze della vita. Se è vero che il suo lavoro era «a gloria di Dio», va detto che scrivere, per lui, era un modo di essere redentorista. «Missionario e scrittore», si definiva Tannoja; e De Spirito opportunamente così ce lo mostra. Non c'è dubbio che egli “ripiegò” su carta e calamaio per i limiti impostigli dalla salute cagionevole, ma è altrettanto certo che così anticipava quell'apostolato della penna, che sarebbe stato e continua ad essere, fino ad oggi, un modo di essere redentorista, di predicare, di insegnare ed educare.

L'attenta lettura di questo volume ci svela un altro aspetto della vita di Tannoja: la sua profonda spiritualità e santità, che trovavano espressione in uno stile di vita austero, nella verecondia, nel buonumore e nell'accettare per amore le atroci sofferenze della malattia. Le stesse composizioni poetiche (alcune inedite qui riportate in Appendice) sono nella linea di quella proposta popolare e semplice di santità, tanto cara al fondatore Alfonso de Liguori, e che si "incarnava nella passione", di versi intrisi di sentimenti, di vissuto quotidiano, di lacrime e di amore.

A costo di ripetermi, vorrei citare un ultimo aspetto, che in qualche modo riprende qualcuno di quelli già accennati, e per un altro verso li riassume tutti. È un aspetto che emerge particolarmente dal cap. VI di questo volume: una vera e propria «autodifesa» stesa dal Tannoja, al cospetto di un «canonico amico e suo censore». Immaginiamo quanto serio e accigliato. Alludo all'impressione che ricavavo, leggendo queste pagine, di trovarmi di fronte al Tannoja come ad uno "spirito libero". Forse il contesto storico lontano dal nostro, l'idea stessa che ai suoi tempi si aveva dello stato clericale e della vita religiosa, rendono impropria questa accezione di "spirito libero". Ma è proprio l'orizzonte mentale, culturale e spirituale nel quale egli scriveva e "si difendeva" a farcelo accostare in questa luce.

È vero infatti che egli fa appello ad alcuni esempi precedenti per "giustificare" il suo innocente *hobby*, quello delle api, pur scelto – ahimè anche questo – come «sollievo dagli acciacchi». Ma è la sua denuncia di un'idea "troppo ristretta e limitata" dello stato ecclesiastico a rendercelo contemporaneo, comunque a farci solidarizzare con lui. A ciò si aggiunga che egli studia e cura le api, o segue la fabbrica del convento di Deliceto, nel quadro di un uso scrupoloso del tempo – anche questo un "virus" mediato dal suo fondatore e biografato più illustre? –, che testimonia la passione per la vita e il suo mistero, complesso quanto affascinante. Per Tannoja la parabola evangelica dei talenti, le gesta dei missionari in Paraguay e in altre terre sono un modo di scrollarsi di dosso il "si è sempre fatto così" e di mettere a disposizione del Regno di Dio tutto quello che ha, e che semplicemente è. Sono una spinta a vivere in pienezza la propria giornata, a tentarle tutte purché si operi a gloria di Dio e purché

si annunci il suo vangelo. Egli è un uomo fuori dagli schemi, pur tenendo conto dei citati condizionamenti del tempo. Un uomo che ci invita ad amare la vita, e a “succhiarne” il sapore come da un favo di miele.

Sono convinto che il lettore, alla fine, condividerà un senso di gratitudine nei confronti del professor De Spirito e del suo meritorio lavoro. Io personalmente vi ho scorto un atto d'amore per la storia settecentesca della Congregazione del SS. Redentore, di cui Tannoja fece parte. Se tale attenzione, di cui De Spirito aveva già dato non pochi esempi, ora ci aiuta a tirar fuori dal cono d'ombra in cui era rimasto uno degli “uomini illustri” che hanno onorato questo Istituto, la nostra riconoscenza diventa ancora più profonda e sincera.

*Serafino Fiore, C.SS.R.*

WEISS Otto, *To Do What the Day Demands: the Life of Father Kaspar Stanggassinger, Redemptorist*, trans. by Tony Kiesenhof, ed. by Paul Laverdure and a team of Redemptorists, Liguori Publications, Liguori, MO, 2011, 168 pp.

*To Do What the Day Demands* is an English translation of the work first published in German in 1988 by historian Doctor Otto Weiss. It is a welcome addition to the growing body of information in English about Blessed Kaspar Stanggassinger.

Born in 1871, Stanggassinger's lifespan was not quite twenty-nine years. Doctor Weiss has presented him as a “Saint for Today,” someone with whom ordinary people can identify. Not a great orator, nor a great theologian, this young Redemptorist was considered by the Vatican theologians who judged his life to have had only two unusual episodes in his life: the mountain rescue of a friend, and unusual bravery in facing his father who did not want him to become a priest.

Yet the same theologians declared that Stanggassinger's holiness was characterized by steadfast friendliness, charity, a readiness to help others, respect for those placed in his care (and

their opinions), alongside his characteristic humility. The documents of his beatification underline that “his amiable nature, full of unusual charity, composes a model for today’s youth.”

Kaspar was born in the beautiful mountains of Bavaria, the second of sixteen children, and the eldest son. His father, successful in both politics and business ventures, seems to have dreamed of material renown for Kaspar. He was sorely displeased when Kaspar spoke of becoming a priest, although he did not stop his son from entering the seminary.

Until 1887 young Stanggassinger aimed at priesthood in the archdiocese of Munich-Freising. But then he met the Redemptorists and, after a period of discernment, he had permission from his archbishop to enter the Redemptorists in 1892. But by then his father’s political influence had faded and the family was slipping deeper into debt. They were hoping that as a diocesan priest he could lend some financial help to the family. His father burst into fury when Kaspar told him that he would switch to the Redemptorists.

Nevertheless Kaspar entered the Redemptorist Bavarian novitiate at Gars am Inn in October 1892 and his father slowly grew to acquiesce in this decision. Both as a novice and during the remaining two years of his theological studies Kaspar showed evidence of common sense and noteworthy virtue. Like St. Alphonsus, founder of the Redemptorists, he was devoted to seeking and then following the Will of God. Moreover, during his later years in the Redemptorist seminary he became a keenly insightful student of theology.

Following ordination to the priesthood in 1895, Kaspar was allowed to return to his hometown of Berchtesgaden for his First Mass. This was an exception, granted so as to make the Redemptorists better known in the area. A delicate human moment occurred on that occasion when he was informed that his younger sister, unmarried, was pregnant. Providentially he was able to convince his family to let forgiveness rule the day, and not to worry about the spreading gossip.

Although he had dreamed of pastoral ministry and preaching of parish missions, Kaspar was then assigned as an instructor and prefect in the Redemptorist junior seminary at Dürrenberg,



Austria. It was here that his solidly virtuous life came to the fore. His students later testified in the official Beatification process about his “outstanding sincerity, helpfulness, adaptability and sympathy.” In an era of rigid asceticism, he was beloved among his students and superiors for his forthright humanness. Ahead of his time, he made a study of modern pedagogical methods for interaction with youth, following especially the writings of the French Bishop Felix Doupanloup.

Only four years ordained, there were rumors that Stanggassinger was being considered to lead the new junior seminary program which was being moved to Gars am Inn. During the summer months of 1899 he helped carry equipment into the new building at Gars and in mid-September he conducted the annual student retreat. Then on September 19 he took ill with what today would be seen as symptoms of appendicitis. Within a week he was dead and was buried two days later.

In 1934 the local process of his Beatification was begun, especially at the instigation of his former students, now become superiors among the Munich Redemptorists. Cardinal Michael von Faulhaber became interested, and in 1960 the cause was carried to Rome. After due approval and the requisite miracle, Kaspar Stanggassinger was declared Blessed on April 24, 1988.

Doctor Weiss' biography of Stanggassinger includes end-notes to “make clear that nothing in this book is pious legend” and that “each statement can be verified.”

*Gilbert Enderle, C.S.S.R.*